

**DIÁLOGO ABERTO  
COM VERA MENEZES DE OLIVEIRA E PAIVA**

*Diógenes Cândido de Lima*  
(Org.)

Entrevistadores:

*Patrick Gomes Peixoto*  
*Danilo Pinheiro Lessa Alves Enira Roberth Maia*  
*Lara Maria dos Santos Pires*  
*Jéssica Caroline Souza Aguiar*  
*Rodrigo B. de Sousa*  
*Danilo Sobral de Souza*  
*Pollyana Gomes Cardoso*  
*Jackson Souza Costa*  
*Leilian França dos Santos*  
*Patrícia Gomes Peixoto*  
*Lucas Maciel de Albuquerque*

**Introdução ao Diálogo**

**Diógenes Cândido de Lima:** Apesar de a Linguística Aplicada (LA) já se encontrar em evidência no Brasil há quase um século, ela ainda não faz parte da grade curricular de muitos cursos de formação de professor de línguas. Quando, por acaso, figura na matriz de alguma instituição de ensino é, geralmente, em caráter introdutório, e ofertada no final do curso, quando os alunos já estão “contagiados” pela exposição a outras disciplinas da área dura da Linguística. Isso, naturalmente, não deixa de, inicialmente, dificultar as dis-

cussões em torno da nova disciplina e de gerar certa resistência por parte de muitos alunos que trazem consigo uma concepção errônea, quando não, ultrapassada, do que venha a ser a LA. Felizmente, no decorrer do curso, tudo parece se ajeitar e as discussões tomam um rumo quase sempre enriquecedor, recheadas de entusiasmo, de curiosidade, de mudança de opinião e de muito crescimento epistemológico, acadêmico, profissional e até mesmo pessoal.

Pelo menos é o que venho atestando durante esse meu envolvimento à frente da disciplina de LA na instituição em que leciono. A experiência, quase sempre, tem sido de uma exposição e conscientização do papel social da linguagem e da abordagem sociointeracionista desempenhada por essa área do saber. Aos poucos, a língua(gem) deixa de ser vista, por muitos desses alunos, único e exclusivamente como uma abstração convencional e passa a receber uma conotação mais dialógica e tratada como uso da vida real, uma abordagem que não deixa de causar estranheza àqueles que estão acostumados com o paradigma tradicional dos estudos linguísticos.

Não queremos com isso desclassificar a importância dos preceitos tradicionalistas da linguagem, mas trazer para o debate questões que dizem respeito a um olhar mais crítico e reflexivo sobre os estudos linguísticos na contemporaneidade. Por isso que nossas leituras e debates giram em torno de renomados estudiosos da LA, tanto do Brasil quanto do exterior, que têm desenvolvido consolidada pesquisa na área em que atuam.

Vera Menezes de Oliveira e Paiva é uma dessas autoras cujas obras são estudadas e debatidas em nossas aulas, no intuito de se obter uma fotografia da evolução histórica, da situação atual e das perspectivas futuras da LA em nosso país. **Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos** é geralmente um dos primeiros textos a ser apresentado aos meus alunos. Nele, Paiva, juntamente com dois de seus bolsistas, apresenta uma boa explanação para aqueles que estão iniciando seus estudos nessa relativamente nova seara das Ciências da linguagem. Sua leitura, seguida, também, da leitura de **Afinal, o que é linguística aplicada?**, de autoria da professora Cela-

ni, tem provocado debates férteis, calorosos e gerado questionamentos que permeiam o grande universo de temas que compõem o extenso e complexo guarda-chuva da LA .

Assim, já está se tornando de praxe, como atividade do curso, convidar um(a) linguista aplicado (a) para ser entrevistado(a) pelos meus alunos a respeito de assuntos inerentes à matéria. O último a nos agradecer com esse diálogo foi o professor indiano, radicalizado no Brasil, Kanavillil Rajagopalan.

Desta vez, para participar do debate e compartilhar sua experiência de professora e pesquisadora, com uma grande trajetória de vivência e trabalhos dedicados aos estudos linguísticos, convidamos a professora Dra. Vera Menezes de Oliveira e Paiva, que, gentilmente, aceitou dialogar com os meus alunos sobre suas pesquisas, por meio desta entrevista. À professora Vera Menezes, portanto, os nossos mais sinceros agradecimentos.

As questões, escritas individualmente por cada aluno, versam sobre tópicos de seu interesse e foram, de alguma maneira, tratadas em sala de aula, despertaram curiosidade e suscitaram um maior aprofundamento. Por conseguinte, os questionamentos lidam, geralmente, com aspectos relacionados ao ensino e aprendizagem, não por entender a LA como voltada exclusivamente para a área de ensino, mas, talvez, pelo fato de se tratar de atuais e/ou futuros professores de línguas com interesses e curiosidades específicos. Portanto, com a palavra os alunos entrevistadores e a professora entrevistada para suas considerações.

## **ENTREVISTA**

**Patrick Gomes Peixoto:** Alguns métodos de ensino de Inglês abominam completamente o uso da língua materna durante a aprendizagem da língua. Tais métodos valorizam o contato constante do aprendiz com o idioma alvo, a ponto de elaborarem materiais didáticos escritos exclusivamente em Inglês. Ao pensar na dificuldade que muitos alunos enfrentam ao lidar com um livro didático em que absolutamente todos os enunciados estão em Inglês, gostaríamos de levantar a seguinte pergunta: de que forma pode-se incorporar

aspectos da língua materna no ensino do Inglês, de modo a permitir que o aluno transite confortavelmente entre os dois idiomas? Seria a tradução um componente benéfico a ser integrado em uma metodologia de ensino de Inglês?

**Vera Menezes:** Não vejo nenhum problema no uso da língua materna como apoio para a aprendizagem de inglês, mas acredito que o livro didático deve trazer bastante insumo em inglês. Você menciona o caso dos enunciados em inglês. Eu vejo isso como um ponto muito positivo, pois o mesmo enunciado ou enunciado semelhante vai se repetir ao longo do livro. O professor pode se valer da tradução nas primeiras unidades, mas aos poucos os alunos vão adquirindo familiaridade com os enunciados e, ao mesmo tempo, aprendendo como dar instruções em inglês. Outra sugestão é construir com os alunos um glosário desses enunciados para eles usarem até aprenderem o que significam. O importante é transformar cada obstáculo em oportunidade de aprendizagem.

**Danilo Pinheiro Lessa Alves:** Segundo Paulo Freire (1996), a língua pode ser utilizada como ferramenta de reconstrução social e libertação contra forças opressoras. Diante disso, o letramento crítico surge com a finalidade de "promover o desenvolvimento da consciência crítica [...] acerca dos valores culturais ideológicos e sócio-históricos disseminados na sociedade em que vivem" (DUBOC, 2007). Levando em consideração o ambiente escolar, na escola pública é possível ensinar na perspectiva do letramento crítico sem dificuldades, devido à autonomia que os professores têm para administrar suas aulas, caráter este que não é encontrado nas instituições privadas, pois há uma cobrança maior quanto à abordagem de determinados conteúdos e enfoque em concursos (vestibulares e afins). Sabendo desta dificuldade, qual o melhor caminho para inserir o letramento crítico nas aulas de inglês neste tipo de instituição?

**Vera Menezes:** O letramento crítico pode ser feito em qualquer contexto. O que não deve ser feito é criar analfabetos críticos. O que me incomoda em alguns seguidores do

letramento crítico é que a preocupação político-ideológica é tão extremada que se esquecem de ensinar a língua. Ensinar a usar a língua é também um ato político, pois estamos dando “voz” aos aprendizes para interagir com o outro e ter acesso às suas produções científico-culturais, inclusive com as do opressor. Mostrar que a língua pode ser usada como um instrumento de separação de classes e que nunca foi de interesse das elites que os pobres aprendessem línguas estrangeiras é um ato revolucionário. Ainda hoje, disfarçado por discursos academicamente sofisticados, se faz presente o verso cantado por Carmem Miranda “Alô, alô, alô boy, deixa essa mania de inglês, é tão feio pra você, moreno frajola, que nunca frequentou os bancos da escola”. Consciente ou inconscientemente, discursos aparentemente politizados negam o ensino de outra língua e menosprezam a capacidade dos mais pobres de aprender a falar, a ler e a escrever em inglês. “Yes, they can”, nossos alunos também podem. Antes de tudo, temos que acreditar neles. Estou muito mais preocupada em ensinar a língua do que pregar a luta de classe na sala de aula. Para ensinar a língua posso me valer de textos inspiradores e de atividades que pregam a igualdade e a ética, mas não preciso ser, o tempo todo, uma militante política. Não defendo a escola sem partido, mas a escola do bom senso.

**Enira Roberth Maia:** Como lidar com a disparidade entre o que é proposto pela metodologia de ensino de língua inglesa e o inglês que realmente é falado, visto que o aluno não nativo e não inserido no contexto de tal língua não estará em contato com situações reais de prática dessa modalidade oral?

**Vera Menezes:** Não consigo ver essa disparidade até porque nenhuma metodologia lista conteúdos e sim pressupostos. Desconfio que você esteja falando da abordagem comunicativa ao mencionar “situações reais de prática dessa modalidade oral”. Na verdade, em nenhuma descrição de nenhuma metodologia, você vai encontrar que as situações devem ser reais. O que a abordagem comunicativa tem como pressupostos básicos é que o foco deve ser no sentido, e que aprender a língua é aprender a comunicar. No entanto, é pos-

sível sim, mesmo em um país como o nosso, usar a língua inglesa de forma comunicativa e real. Pense, por exemplo, nos cartazes de protesto. Por que vemos cartazes escritos em inglês em protestos no Brasil, como: “This impeachment is ilegal”, ou “Don’t come to the Rio Olympics” ou “Save our forests”? O motivo é comunicar ao mundo o que está acontecendo aqui, se posicionar perante o mundo. Mas vamos falar da modalidade oral. Um bingo com numerais em inglês é uma forma real de usar esse vocabulário sem ser mera repetição de palavras. Um *guessing game* em que os alunos simulam ser um personagem famoso e se apresentam oralmente para o colega adivinhar quem é o personagem também tem foco no sentido. Gravar um vídeo ensinando como se faz uma comida típica brasileira e postar no *youtube* também é real e tem um objetivo que rompe com as paredes da sala de aula, pois o aprendiz se torna também um divulgador da cultura brasileira para o mundo. Se você folhear as coleções *Alive* e *Alive High*, da editora SM, vai achar muitos exemplos de atividades que podem perfeitamente ser usadas na sala de aula. Mas se você quer fazer algo muito simples, leve muita música para sala de aula. Os alunos adoram cantar e a música, além de motivadora, nos ajuda a aprender novas palavras, enunciados e pronúncia.

**Lara Maria dos Santos Pires:** Sabemos que o sistema escolar a que somos submetidos divide as áreas do saber de forma tão categórica que o aluno apenas recebe o conhecimento de maneira passiva. E, de acordo com JAPIASSU, 2006:

[...] uma das coisas importantes que devemos esperar de nosso sistema educativo é uma formação que não seja mais um enclausuramento disciplinar e um adestramento no pensamento analítico, mas uma capacitação do ser humano para a compreensão. Este fechamento em categorias quase-estanques (estabelecidas há mais de século e meio) impregna profundamente os organismos de pesquisa e o ensino superior, condicionando e mediocrizando nossas mais brilhantes inteligências.

Sendo assim, qual seria uma saída possível e eficaz para tornar interdisciplinar o ensino escolar de língua estrangeira? O uso da língua materna, por exemplo, poderia ser uma dessas saídas?

**Vera Menezes:** Entendo que o ensino de língua inglesa da forma como muitos fazem hoje não pode ser vista como você descreve. O material didático do PNLD, por exemplo, é cada vez mais interdisciplinar. A maioria dos livros gira em torno de temas socialmente relevante e oferece oportunidade de ricas reflexões. O uso da língua materna deve ser feito na medida da necessidade e não a ponto de impedir a aprendizagem da outra língua. Ela deve ser um andaime e não uma desculpa para não se ensinar a língua inglesa ou outra língua adicional. Vejo o intenso uso de português muito mais como um problema de insegurança do professor do que como uma estratégia pedagógica.

**Jéssica Caroline Souza Aguiar:** Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

Para poder afirmar que um determinado indivíduo possui uma boa competência comunicativa em uma dada língua, torna-se necessário que ele possua um bom domínio de cada um dos seus componentes. Assim, além da competência gramatical, o estudante precisa possuir um bom domínio da competência sociolinguística, da competência discursiva e da competência estratégica. (BRASIL, 2000, p.29)

Porém, o que podemos perceber é que os alunos não estão conseguindo atingir nem o nível da competência gramatical nas aulas de língua Inglesa, o que dá a impressão de que a disciplina está no currículo apenas para o preenchimento de carga horária. O que a senhora pensa que poderia ser feito para que este problema seja resolvido, fazendo com que os alunos possam, realmente, alcançar uma boa competência comunicativa na língua alvo?

**Vera Menezes:** O problema está justamente na tentativa de se ensinar a competência gramatical separada das outras competências. Não se atinge competência gramatical de forma isolada, sem uso. A gramática está a serviço da fala, da leitura e da escrita. Para que os alunos alcancem uma boa competência comunicativa, eles precisam aprender pela comunicação e não pelo ensino de estruturas gramaticais isoladas e desprovidas de sentido. Por que será que os professores não entenderam ainda que é uma perda de tempo ensinar regras gramaticais sem colocar a língua em funcionamento?

**Rodrigo B. de Sousa:** Nos últimos anos, tem-se percebido um crescimento de trabalhos na área de língua inglesa, em escolas públicas, com relação à cultura do país alvo estudado que, na maioria das vezes, são os Estados Unidos. Segundo Moita Lopes (1996), ensinar uma cultura estrangeira nas escolas pode ser uma ferramenta de aculturação e alienação. O autor afirma que “a insistência em uma motivação excessivamente integrativa pode ser tomada como uma forma de colonização cultural e linguística. A exigência de uma pronúncia tão perfeita quanto à do nativo e a incorporação de hábitos culturais, ou seja, a cópia xerox do falante nativo, não podem ter outro motivo senão o domínio cultural. [...]” (MOITA LOPES, 1996, p. 43). Passados vinte anos, desde a publicação deste artigo, a forma de ensinar cultura nas aulas de inglês ainda continua a mesma. O que a senhora pensa a respeito desse assunto, e o que a senhora acha poderia ser feito para acabar com essa cultura da aculturação nas aulas de língua inglesa?

**Vera Menezes:** Eu não posso dizer que continua a mesma e nem mesmo que o ensino há 20 anos era feito da forma como o autor descreveu, pois não conheço pesquisas que tenham indicado isso nem naquela época e nem agora. Esse tipo de generalização precisa ser visto com cautela. Não acredito também na “exigência de uma pronúncia tão perfeita quanto à do nativo”, pois raro é o professor que tem esse tipo de pronúncia. Como exigir do outro aquilo que nós mesmos não conseguimos fazer? Eu não acredito que exista uma cultura de aculturação. Pode ser que um ou outro professor se comporte dessa for-

ma, mas os alunos verão durante sua vida escolar professores de diversos matizes ideológicos e isso faz parte da vida.

**Daniilo Sobral de Souza:** No Congresso Nacional tramita um projeto de lei de autoria do Deputado Federal Márcio Macêdo do PT, PL 2806/2011, que proíbe o uso de celulares em sala de aula em todo o Brasil. O Projeto de lei também proíbe o uso de qualquer aparelho eletrônico que tira a atenção do aluno. Em estados como Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais também tramitam em suas casas legislativas projetos de Lei que versam sobre a proibição do uso de celulares em sala de aula. No Paraná foi publicada, no final de junho, a Lei nº 18.118/2014 que proíbe a utilização de qualquer equipamento eletrônico dentro de salas de aula de todo o estado. Segundo o texto original do Projeto de Lei nº 440/2013, de autoria do deputado Gilberto Ribeiro (PSB), os jovens do ensino fundamental e médio não possuem ainda capacidade para controlar o uso destes aparelhos, o que causa desvio de atenção no horário de aula, além do acesso a conteúdos inapropriados. Gilberto Ribeiro afirma que o projeto é fruto de conversas com pais e professores.

Considerando que o letramento digital, que surgiu com as novas tecnologias, vem promovendo um uso intenso de escrita, por força até das características do meio eletrônico utilizado, de que forma podemos entender/estender o uso de mídias e equipamentos digitais em salas de Língua Inglesa da rede pública de ensino, já que o aluno é um leitor de hipertextos em potencial?

**Vera Menezes:** Essas leis são absurdas, pois cabe à escola decidir o que é bom para ela. No entanto, elas não foram feitas para coibir o trabalho do professor. O próprio projeto de autoria do deputado Gilberto Ribeiro, no Paraná, diz em seu parágrafo único que “A utilização dos aparelhos/equipamentos mencionados no *caput* deste artigo será permitida desde que para fins pedagógicos, sob orientação e supervisão do profissional de ensino”.

Cada vez mais tenho conhecimento de experiências pedagógicas nas escolas com o uso de celulares. Isso vai crescer e é irreversível.

**Pollyana Gomes Cardoso:** Em tempos de inserção e letramento quase que completos, por parte dos indivíduos no mundo virtual, desde a faixa etária mais jovem até a mais adulta, os instrumentos de comunicação podem se tornar um poderoso aliado na tarefa de ensinar uma L.E. Em “o lugar da leitura na aula de Língua Estrangeira”, PAIVA (2000) relata a experiência chinesa que mesmo com todas as restrições políticas conseguiu desenvolver programas de rádio e televisão universitários que oferecem cursos variados para treinamento de professores, inglês comercial, inglês para hotelaria, etc. Dessa maneira, pergunto para a senhora, Vera Menezes, é possível desenvolver uma prática parecida com a prática da China no Brasil? A senhora acredita que o rádio, a televisão, a internet e, principalmente, o uso reinante dos smartphones na atualidade podem contribuir, de maneira decisiva, real e articulada para um aprendizado de línguas, aprendizado esse que não seja artificial e que se consolide como autônomo e construa um modelo pleno e concreto de aprendizado e uso da língua no Brasil?

**Vera Menezes:** Seria ótimo que os governos envolvessem todos os meios de comunicação para ensinar línguas. Com a chegada dos smartphones o acesso aumentou muito. Prova disso é o sucesso do Duolingo, aplicativo gratuito para aprendizagem de línguas. O único problema é que esses aplicativos usam tecnologia avançada, mas o conteúdo ainda é muito artificial e investem pouco na fala. Recentemente, avalei alguns aplicativos e concluí que o melhor deles é o *Busuu*, apesar de não ser totalmente gratuito, apresenta atividades muito boas. Como foram feitos para venda em massa, o preço é bastante acessível.

**Jackson Souza Costa:** Pensar e levar o debate sobre as questões que envolvem a sexualidade humana para as salas tem sido motivo de muitas discussões que ficam presas na estância legislativa do poder – vide o não tão passado episódio sobre o material "Escola

sem homofobia" e a bancada conservadora que tentou e conseguiu barrar a distribuição do mesmo –. Mello (2012) considera "a escola um espaço profundamente significativo para a construção das subjetividades em nossa sociedade. (...) [e que] a escola deve estar preparada também para orientar os alunos a viverem em um mundo plural, onde práticas e desejos sexuais diferentes sejam possíveis e igualmente respeitados." A senhora acha que ampliar o leque de representatividade através do discurso inclusivo é o caminho certo a ser tomado?

**Vera Menezes:** Esse é um tema muito delicado. A Coleção didática para o ensino fundamental *Alive!*, da qual sou co-autora, sofreu ataques de um pastor-jornalista na imprensa porque temos atividades sobre o tema da sexualidade. Em uma das atividades que incomodou ao pastor-jornalista, mostramos os vários tipos de família, incluindo dois pais e um filho (livro do sexto ano). No livro do oitavo ano, da mesma coleção, temos uma atividade de leitura retirada do livro "My Princess Boy", de Cheryl Kilodavis, e sofremos pressão por parte de uma importante escola particular para retirarmos o texto na nova edição. Acho que é papel da escola educar pessoas para não serem homofóbicas. É nosso dever ajudar nossos alunos a se desenvolverem para exercer uma cidadania ética e acolhedora das diferenças, mas temos que lidar com as resistências dos que ainda não se conscientizaram sobre o tema. Temos que fazer isso de forma leve, para pouco a pouco vencermos os obstáculos.

**Leilian França dos Santos:** Professora Vera Menezes, no artigo, *Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos?* a AD teve maior relevância em trabalhos produzidos nas pesquisas realizadas no Brasil. Baseando-se em Orlandi, Tfouni (1998) garante, no tocante ao não-dito, que o silêncio significa de maneira diferente das palavras; ele permite a flutuação de sentidos, sendo fundado; ele não é, então, uma ausência, um vazio. Além disso, esse silêncio pode, também, ser colocado, motivado e imposto; neste caso, ele é denominado silenciamento. Contudo, no contexto heterogêneo da sala de aula,

há diferentes perfis de sujeitos que falam e que calam interagindo a partir das suas especificidades. Mas a voz ainda detém o foco, limitando, em alguns casos, o acesso às interações silenciosas. A interação com/na aula, de acordo com Laplane (2000), tem um caráter de bom desempenho, de indício positivo, de aprendizado. Diante disso, como podemos, a partir dos pressupostos da LA, compreender e lidar com a presença do silêncio nas aulas?

**Vera Menezes:** Não sei se entendi a pergunta. É muito difícil dar voz a todos em uma sala de aula. A forma que achei para superar isso foi o uso da internet. Atualmente, minhas disciplinas são todas online e o aluno só existe, se ele “fala”. Mesmo assim, temos que lidar com os “silenciamentos”, pois alguns alunos sentem-se intimidados pelo bom desempenho do colega. O silêncio muitas vezes é uma autodefesa, uma forma de se proteger de críticas e de *bullying* e acho que o professor precisa discutir isso com os alunos.

**Patrícia Gomes Peixoto:** Não é raro ouvirmos “eu só aprendi o verbo to be” quando questionamos a algum aluno o que ele tem estudado de inglês na escola. Falas desse tipo mostram-nos o quanto o ensino de língua estrangeira é reduzido a estruturas gramaticais e é negligenciado, quer seja em escolas públicas, quer seja em escolas privadas. Além disso, podemos, por várias vezes, evidenciar certo desinteresse por parte dos alunos em aprender inglês, norteados pela concepção de que, durante o ensino básico, é impossível aprender a língua estrangeira. Dadas essas percepções, gostaríamos que a senhora nos dissesse quais os seus pensamentos a respeito de tais afirmativas e, a seu ver, qual seria o caminho viável para a solução dessa problemática que perpassa pela sociedade e aflige a nós, professores de línguas.

**Vera Menezes:** O caminho é a formação do professor. Ensinar gramática pela gramática é confortável e precisamos tirar o professor que faz isso dessa zona de conforto. No entanto, precisamos entender que muitos professores fazem isso porque eles mesmos sen-

tem dificuldade em usar o idioma que ensinam. Se não investirmos na sua formação, dando-lhes oportunidade de atingir a competência necessária, nada vai mudar.

**Lucas Maciel de Albuquerque:** O advento de novas tecnologias tem revolucionado diversas áreas da ciência. Como resultado, novas metodologias, ferramentas de pesquisa e áreas de conhecimento se estabeleceram ao redor dessas inovações tecnológicas.

Dentro do campo da tradução, discute-se a possibilidade de existência de uma máquina capaz de traduzir “qualquer texto, de qualquer língua para qualquer outra, com a velocidade da luz — que é a velocidade da energia elétrica, com que operam os computadores” (CAMPOS, 1986). Hoje, a principal representação dessa 'máquina' seria a ferramenta do Google Tradutor. Gostaria de ouvir sobre seu posicionamento quanto à possibilidade de existência de uma máquina de traduzir nos termos elaborados por Geir Campos, e sobre como o tradutor pode incorporar ferramentas provindas das inovações tecnológicas em seu ofício.

**Vera Menezes:** O Google tradutor está cada vez melhor, mas, ainda, não é 100% confiável. No entanto, ajuda muito e cabe a nós mostrar ao aluno que a ferramenta é útil, mas não dispensa o conhecimento da língua por parte de quem faz uso da tradução automática. Na coleção *Alive High*, livro 2 do ensino médio, temos uma atividade onde indicamos o Google tradutor como uma ferramenta útil, mas mostramos também que a ferramenta não consegue traduzir tudo de forma eficiente.

### Encerrando o diálogo

**Diógenes Cândido de Lima:** Como podemos observar, por meio dos questionamentos aqui apresentados, e das respostas a eles dirigidas, a Linguística Aplicada é, de fato, uma área complexa, mestiça, transgressiva, multifacetada e que, por isso, sucinta as mais diversas indagações, para as quais nem sempre temos respostas definidas e/ou definitivas.

O que se nota, contudo, é uma grande preocupação, por parte dos alunos entrevistadores, em buscar caminhos para procurar solucionar problemas que dizem respeito ao ensino e aprendizagem de línguas e ao uso da língua(gem), como prática social, em seus mais diversos contextos. Isso, por conseguinte, faz jus a um dos principais objetivos da LA que é detectar problemas, para, em seguida, com base em subsídios teóricos, apresentar possíveis soluções para esses problemas. Nesse sentido, percebe-se, no campo da LA, uma grande relação entre teoria e prática, mesmo porque, num mundo de constantes mudanças e de grandes avanços, a prática parece superar a teoria.

Nessa perspectiva, é de fundamental importância que a LA lide, também, com os interesses populares, e até mesmo com o senso comum, a fim de melhor atender às questões de relevância social tão bem advogadas e defendidas por essa grande área do saber. Portanto, as reflexões apresentadas nesta entrevista condizem muito bem com o verdadeiro papel da LA, a partir do momento em que buscam respostas para questões que permeiam o universo do uso da língua(gem) em seus mais diversos aspectos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio (Parte II)*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2000.

CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CELANI, M. A. A. *Afinal o que é linguística aplicada?* In: PASCHOAL, M. S. Z. de; CELANI, M. A. A. *Linguística aplicada: da aplicação da linguística à linguística ...*

DUBOC, A. P. *A avaliação da aprendizagem de língua inglesa no contexto do letramento crítico*. Entretexos, v. 7, p. 189-203, 2007.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAPIASSU, Hilton. *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006

LAPLANE, Adriana Friszman de. *Interação e silêncio na sala de aula*. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.

LIMA, Diógenes Candido de. Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas. In: *O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia*. Parábola Editorial, Vitória da Conquista, 1998.

TFOUNI. Fabio Elias Verdiani. *O interdito como fundador do discurso*. Campinas, SP.1998.

MELLO, F.; et al. Para além de um kit anti-homofobia: políticas públicas de educação para a população GLBT no Brasil. In *Revista Bagoás*. UFRN. V.6, n.7, jan./jun. 2012.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acesos*. São Paulo: Contexto, 2009;

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. “Yes, nós temos banana” ou “Paraíba não é Chicago”. Um estudo sobre a alienação e o ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil. IN: *Oficina de linguística aplicada: a natureza dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas, SP: Mercados de Letras, 1996, p. 37-61. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

PAIVA, V.L.M.O. O lugar da leitura na aula de língua estrangeira. *Vertentes*. N. 16 – julho/dezembro 2000 p. 24-29.